

Apresentação

Maria Clara Lucchetti Bingemer

É um privilégio para as editoras PUC-Rio e Contraponto introduzirem no Brasil um grande filósofo católico ainda desconhecido entre nós: Paul Ludwig Landsberg (1901-1944). O privilégio se torna maior pela publicação deste *Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios*, contendo textos que constituem por assim dizer o núcleo fundamental do seu pensamento.

Impõe-se fornecer ao leitor alguns dados biográficos. Esperamos que isso o ajude a situar-se não apenas diante desta obra, mas também diante de outras que, esperamos, virão depois em língua portuguesa.

* * *

Landsberg nasce em Bonn em 1901 de família judia não praticante. Ainda pequeno, é batizado na Igreja Luterana. Apresenta desde os mais tenros anos uma inteligência profunda e grande sensibilidade religiosa. Seu pai é catedrático e reitor da universidade, e isso lhe franqueia uma brilhante carreira acadêmica. Desde cedo a admiração por Maritain e Guitton abre sua mente e seu coração ao pensamento cristão. Adolescente, a influência de Max Scheler e Romano Guardini é uma marca indelével, aproximando-o do catolicismo.

Estuda filosofia em Friburgo com Husserl e se torna amigo de Horkheimer, colaborando na *Zeitschrift für Sozialforschung* [Revista de Pesquisas Sociais], a célebre revista que registra o pensamento da Escola de Frankfurt. Nessa época, porém, o nacional-socialismo alarga sua sombra sobre a Alemanha, e a segregação racial vira norma. Landsberg opta pelo exílio, deixando a mãe em Bonn. Quando vê recusada a permissão para sair do Reich, ela decide suicidar-se. Eis o ponto de partida desse

tema que sempre foi uma obsessão para o filósofo e está fortemente presente no livro que agora prefaciamos.

Mais tarde ele mesmo considerará a hipótese de suicidar-se. Somente a fé lhe dá forças para se desfazer do veneno que levava sempre consigo, renunciando a dispor de sua vida e entregando-a inteiramente nas mãos de Deus.

Em 1933, após deixar a Alemanha, Landsberg casa-se em Zurique com Magdalena Hoffmann, doutoranda em filosofia, junta-se a outros exilados e depois se estabelece em Paris, onde entra em contato com Raymond Aron e Walter Benjamin. Por intermédio deste último, conhece Emmanuel Mounier, com quem trabalhará, tornando-se colaborador da revista *Esprit*. A corrente de pensamento filosófico personalista, inaugurada e difundida por Mounier, exercerá sobre Landsberg grande atratividade, já que há longo tempo ele refletia sobre a pessoa, a subjetividade e temas conexos com os que também entusiasmavam o filósofo francês.

Nessa época é convidado para ser professor visitante da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona. Inicia uma colaboração que o faz passar longos períodos na Espanha, seja na Catalunha, seja em Santander, na Cantábria. Essa colaboração dura até 1936, quando tem início a Guerra Civil Espanhola. É obrigado a abandonar o país que começava a amar tão profundamente. Nessa época, a partir da obra de Santo Agostinho, Pascal e Nietzsche, elabora mais profundamente o sentido pessoal e transcendente da existência humana, fazendo incursões pelo pensamento de Unamuno e dos místicos espanhóis, assim como pelas corridas de touros. Preso e deportado para o campo de concentração de Oranienburg, morre ali, precocemente, em 1944.

* * *

O *Ensaio sobre a experiência da morte*, que aqui temos em mãos, é a obra mais conhecida e mais traduzida do filósofo.

Cada vez que preparava uma edição ou uma tradução, Landsberg o reescrevia, introduzindo novos parágrafos e acrescentando alguma nota explicativa. Fez a edição francesa “pensando na morte do pai e na do amado mestre Max Scheler”, como diz o prefácio à edição da Seul, reeditada em 1951.

O leitor atento perceberá que esse ensaio não trata da morte como conceito, ideia ou teoria a ser tematizada, mas sim do seu acontecimento como experiência pessoal e interpessoal, exterior e interior. Não é uma experiência entendida no sentido reductor, quantitativo, empírico, mas em sentido integral. Por isso é uma experiência refletida e percorrida sempre de novo pela análise fenomenológica que Landsberg conhecia tão bem.

Para ele, o problema da morte se manifesta na história da humanidade como única certeza que configura a vida e o pensar. Por isso caminha lado a lado com o processo histórico de individualização do sujeito. A morte se apresenta à experiência humana em forma dialética, como *presença ausente*, possibilidade e ameaça, mas também pano de fundo que dá profundidade e peso de eternidade ao cenário da vida como um todo.

A análise da experiência da morte é aquilo que dá acesso à pessoa, que é historicamente determinada e vive no tempo e no espaço. A abordagem fenomenológica é privilegiada para captar a riqueza qualitativa dessa experiência, assim como toda verdadeira experiência humana. O que se evidencia da reflexão fenomenológica, feita por Paul Landsberg, é que tal experiência não é simples coexistência de dados e fatos isolados. Ela contém em si estruturas e relações necessárias.

A importância desse ensaio na trajetória filosófica de Paul Landsberg torna-se ainda maior quando se percebe que aí ele se distancia do mestre Max Scheler, que procurou escrever uma análise fenomenológica da morte, mas permaneceu no nível biológico e panteísta. Landsberg pretende ir além de Scheler, centrando sua reflexão na alteridade, na morte do outro e no amor que se sente pelo que morre. Aí se constitui um “nós”

que nos conduz ao conhecimento do nosso próprio “dever morrer”, ao mesmo tempo singular e universal.

Experiência estranha, estrangeira. Não pertence à verdade do homem, que não é feito para a morte, mas para a vida. Por isso ele aspira a superá-la, a libertar-se de uma escravidão que ameaça tolher sua vida. Em sua reflexão informada pela fé, Landsberg é um grande leitor de Agostinho e de Teresa de Ávila. A mística passou a ser, para ele, o caminho para transformar a experiência da morte em experiência vivida e refletida, de modo a produzir vida e não morte.

“A experiência de Deus, que os místicos possuem, contém também uma experiência da morte que lhes é própria.” É essa experiência de Deus que perpassa as páginas do ensaio. Landsberg tem consciência de que há uma vida que eclode dentro dele. Essa vida não o faz melhor que ninguém nem o coloca acima dos outros crentes. Mas lhe dá coragem para tomar decisões que impactam a sua vida e a de outros. Por exemplo: joga fora o veneno que levava consigo, tendo em vista suicidar-se caso fosse capturado pelos alemães para, desse modo, escapar às horríveis torturas do campo de concentração; acompanha com paciência a mulher doente e retarda a própria fuga, comprometendo a liberdade; não faz concessões no que escreve.

No ensaio, Paul Landsberg deixa transparecer uma vida interior que se debate entre o pecado e a graça, diante do apelo de Deus que o enche da beleza e da doçura de sua presença, e a ameaça da morte e do horror do mal, uma realidade assustadoramente próxima.

Possa a grandeza destas páginas introduzir o leitor brasileiro no pensamento desse filósofo, testemunha de uma época na qual a “banalização do mal”, de que falou a grande Hannah Arendt, parecia recobrir e esconder o bem. Figuras como a de Paul Landsberg nos mostram que o bem e o amor ao bem e à sabedoria, ao contrário, sempre estiveram vivos, e ainda mais vivos nessas épocas de horror.